

Mulheres e cultura escrita em Portugal no século XVI: entre livros e dedicatórias

Paula Almeida MENDES
(CITCEM – Universidade do Porto)
ORCID: 0000-0002-5748-6350

Resumo

Tendo como pano de fundo a questão da produção e da edição de obras de tipologia diversa, que vão desde a literatura de espiritualidade até ao teatro, no século XVI em Portugal, este artigo pretende chamar a atenção para algumas questões que se prendem com o universo de dedicatórias que configurou a moldura da cultura escrita na Época Moderna.

Palavras-chave: Cultura escrita; Mulheres; Portugal; Patrocínio; Século XVI.

Women and written culture in Portugal during the sixteenth century: books and dedications

Abstract

This article focuses on questions concerning the world of dedications that framed Early Modern written culture. It does so in the context of the production and publication of works of different types, ranging from theatre to the literature of spirituality in sixteenth-century Portugal.

Keywords: Written culture; Women; Portugal; Patronage; 16th century.

Mujeres y cultura escrita en Portugal en el siglo XVI: entre libros y dedicatorias

Resumen

En el contexto de la producción y edición de obras de diferentes tipologías, que van desde la literatura de la espiritualidad hasta el teatro, en el siglo XVI en Portugal, este artículo pretende llamar la atención sobre algunas cuestiones relacionadas con el universo de dedicatorias que ha marcado la cultura escrita en la Edad Moderna.

Palabras clave: Cultura escrita; Mujeres; Portugal; Patrocinio; Siglo XVI.

1. De um modo geral, quando se aborda problemáticas polarizadas em torno do papel das mulheres na História Cultural, valoriza-se, sobretudo, a sua intervenção –que se poderá revestir de matizes diversos– nos mecanismos do exercício do poder –sobretudo quando se trata de rainhas–, o seu papel no domínio religioso ou a sua faceta de autora, configurando uma moldura que se escore, em boa medida, no lastro da tradição que remontava aos catálogos e galerias de «mulheres ilustres» –sobretudo a partir da obra *De Claris Mulieribus* de Giovanni Boccaccio, tributária, por sua vez, de textos anteriores, como *De Mulierum Virtutibus* de Plutarco–, amplificada no contexto da «Querelle des Femmes», que valorizavam e destacavam aquelas dimensões.

Deste modo, não perdendo de vista este enquadramento, parece-nos que será pertinente propor uma reflexão sobre outras formas particulares que reflectem a presença feminina na moldura da cultura escrita na Época Moderna, concretamente no que diz respeito à sua relação com a edição e circulação de textos. Esquece-se, por vezes, mas hoje vários estudos procuram revalorizar essas dimensões, –na esteira de outros contributos que têm destacado o mecenato e o patrocínio feminino nas artes¹ e no domínio religioso², que têm vindo a equacionar vários aspetos relacionados com o conceito de «matronage»³– que a intervenção feminina no processo de edição e circulação de livros nos séculos XVI e XVII pode contribuir para revelar alguns casos de mulheres que dispunham de meios financeiros ou influência

¹ Entre os contributos mais recentes, cf. Sheila FFOLLIOTT, «European Women Patrons of Art and Architecture, c. 1500-1650. Some patterns», *Renaissance Forum*, 4 (2008).

² Murielle GAUDE-FERRAGU, Cécile VINCENT-CASSY (ed.), «*La dame de coeur*». *Patronage et mécénat religieux des femmes de pouvoir dans l'Europe des XIV^e-XVII^e siècles*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2016.

³ Gabriella ZARRI, «Matronage/Maternage. Tipologie di rapporti tra corti femminili e istituzioni religiose», en Giulia CALVI, Riccardo SPINELLI (a cura di), *La Donne Medici nel sistema europeo delle corti*, vol. I, Firenze, Polistampa, 2008, pp. 67-74.

política —ou, pelo menos, simbólica—, que parece ser reconhecida pelo patrocínio que concederam a algumas obras. Mas a presença feminina na moldura da edição livreira poderá revestir-se de outros matizes, como, por exemplo, o da simples protecção, que, não raras vezes, era de natureza política ou religiosa, ultrapassando a dimensão financeira. Neste sentido, o estudo de dedicatórias, especialmente, neste caso concreto, de obras editadas no século XVI e a sua contextualização poderá revelar-se importante, no sentido de um conhecimento mais aprofundado sobre os rumos que as orientações e os gostos culturais (no seu sentido mais amplo), as «correntes de sentimento religioso», os cultos e devoções da Época Moderna poderão ter seguido, mas também das complexas redes de relações, que se revestem, sobretudo, de um significado político e social e que poderão reflectir a existência de lógicas «clientelares», de laços de amizade e solidariedades de vária natureza, escoradas em ligações que, socialmente, se «fundem» no processo de circulação livreira e de divulgação da comunicação literária.

De resto, é bem sabido como, na esteira de Gérard Genette,⁴ a história da literatura tem vindo, paulatinamente, sobretudo nos palcos espanhol,⁵ francês,⁶ italiano⁷ e português,⁸ a valorizar a importância e a pertinência dos estudos paratextuais, reconhecendo a sua «legitimidade» no campo da investigação literária, através da problematização de dúvidas e de lacunas, que

⁴ Gérard GENETTE, *La littérature au second degré*, Paris, Editions du Seuil, 1982, esp. pp. 7-17, e *Seuils* Paris, Éditions du Seuil, 1987.

⁵ Anne CAYUELA, *Le paratexte au siècle d'Or. Prose romanesque, livre et lecteurs en Espagne au XVII^e siècle*, Genève, Droz, 1996, e «De reescritores y reescrituras: teoría y práctica de la reescritura en los paratextos», *Críticón*, 79 (2000), pp. 37-46; Nieves BARANDA LETURIO, *Cortejo a lo prohibido. Lectoras y escritoras en la España moderna*, Madrid, Editorial Arco/Libros, 2005, pp. 17-33 e 35-64; *Ibidem*, «Women's Reading Habits: Book Dedications to Female Patrons in Early Modern Spain», in Anne J. CRUZ, Rosalie HERNÁNDEZ (eds.), *Women's Literacy in Early Modern Spain and the New World*, Ashgate, 2011, pp. 19-39; *Paratextos en la Literatura Española (siglos XV-XVIII)*, (estudios reunidos por María Soledad Arredondo, Pierre Civil y Michel Moner), Madrid, Casa de Velázquez, 2009; Nieves BARANDA LETURIO, «Por persona interpuesta: agencia cultural femenina en la temprana modernidad española», en Henar GALLEGO FRANCO, María del Carmen GARCÍA HERRERO (eds.), *Autoridad, poder e influencia. Mujeres que hacen Historia*, Barcelona, Icaria Editorial, 2017, pp. 185-206.

⁶ Lysiane BOUSQUET-VERBEKE, *Les dédicaces. Du fait littéraire au fait sociologique*, Paris, L'Harmattan, 2004.

⁷ Maria Antonietta TERZOLI (a cur di), *I margini del libro. Indagine teorica e storica sui testi di dedica. Atti del Convegno Internazionale di Studi (Basilea, 21-23 novembre 2003)*, Roma/Padova, 2004.

⁸ Maria de Lurdes Correia FERNANDES, «Recordar os “santos vivos”: Leituras e práticas devotas nas primeiras décadas do século XVII português», *Via Spiritus*, 1 (1994), pp. 133-155; Paula Almeida MENDES, «Dedicatórias e dedicatários de «Vidas» devotas e de santos em Portugal (séculos XVI-XVIII): entre a protecção e a devoção», *Via Spiritus*, n.º 19 (2012), pp. 5-60.

têm permitido repensar vários aspetos da referida área científica, no sentido de chamar a atenção para os moldes em que se processa a comunicação literária, que não poderá, naturalmente, ser dissociada do seu enquadramento histórico e cultural.

Como é bem sabido, o aparecimento da imprensa de caracteres móveis, graças ao importantíssimo contributo de Johannes Gutenberg, provocou alterações profundas no âmbito da produção do livro, promovendo uma múltipla difusão de textos de tipologia diversa e contribuindo, em larga medida, para que se operasse uma evolução cultural na Europa ocidental. Em todo o caso, vários estudos têm chamado a atenção para a muito significativa emergência de um importante grupo de senhoras —«presumíveis» leitoras—, nomeadamente da realeza e da alta nobreza, na transição da Idade Média para o Renascimento⁹, ao qual vinha sendo direcionado um certo tipo de literatura em vulgar, na linha dos escritos de São Jerónimo a Paula e Eustóquio: lembremos, a título de exemplo, as obras de Christine de Pisan. Esta tendência aumenta durante os séculos XV e XVI, declinando, em boa medida, a ação da nobreza no âmbito das estratégias de comunicação da época, potenciando a emergência e a fixação de meios que a tornam possível e que contribuem para o fortalecimento do seu prestígio familiar e do seu poder simbólico. Deste ponto de vista, valerá a pena, compreensivelmente, auscultar o papel desempenhado por rainhas, infantas e senhoras da alta nobreza em Portugal, ao longo do séc. XVI. O seu prestígio social e, em certos casos, político, associado à sua faceta moral, espiritual e devota, considerada modelar, na medida em que se caracterizava pela prática das virtudes e pelo fervor dos exercícios espirituais, tornavam-nas, naturalmente, em figuras privilegiadas para o patrocínio ou simplesmente apoio para a edição de obras: mas parecem-nos que, em determinados casos, a figura feminina poderia exercer um papel de medianeira entre o marido ou outro membro da família e o autor, no estabelecimento de uma «teia» de influências que envolviam solidariedades e fidelidades várias. Deste modo, sobretudo as dedicatórias tornam-se um espaço privilegiado, um lugar de «oferta», onde o autor afirma publicamente a sua gratidão, «piscando o olho» à prestação de novos benefícios e mercês... Por outro lado, lembremos também que certas «estratégias», como a inclusão do escudo de armas da patrocinadora ou dedicatária da obra, funcionava como um sinal de prestígio e como uma espécie de recurso comercial.

Ainda que as dedicatórias dirigidas a senhoras se possam ter vindo a tornar tópicas, baseadas no seu poder simbólico, político, económico ou na fama das suas virtudes, estas declinam a construção de um retrato que se coagula como a da «leitora ideal» —de resto, até mesmo a Virgem Maria, em alguns textos, e que é exemplo *La beata Vergine incoronata* (Pesaro, 1567) de

⁹ Tiziana PLEBANI, «Nascita e caratteristiche del pubblico di lettrici tra medioevo e prima età moderna», en Gabriella ZARRI (a cura di), *Donna, disciplina, creanza cristiana dal XV al XVII secolo. Studi e testi a stampa*, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1996, pp. 23-44.

Girolamo Muzio, descreve-a como paradigma da «leitora perfeita»¹⁰— e que, nesse sentido, poderia levar outras senhoras a lerem a obra.¹¹ Como realça Nieves Baranda:

la dedicataria es por principio una lectora ideal del libro a través de la cual el autor puede sugerir a quién lo destina o a quien podría interesar su obra. Es una correspondencia bidireccional, porque el estatus por lo general privilegiado de esas mujeres sirve también para ennoblecer el producto y estimular su lectura por posible identificación¹²

Contudo, ainda que nem todos os dados valham o que parecem (até porque, como é sabido, a dedicatória de uma obra a uma determinada figura ou a existência de uma obra numa biblioteca não significa que a obra tenha sido lida ou manuseada, obrigando-nos, assim, a lê-las com uma cuidada reserva),¹³ parece-nos que os exemplos estudados poderão permitir-nos auscultar sensibilidades familiares e/ou culturais, religiosas e espirituais. Como vários autores já realçaram, as mulheres foram-se tornando, a seguir aos clérigos, o público preferencial ao qual era dirigido a literatura religiosa e de espiritualidade; de resto, são bem conhecidas as críticas que sobretudo a prosa de ficção vinha recebendo por parte de teólogos e moralistas, na medida em que a consideravam desadequada, porque perigosa e, não raras vezes, lasciva, para mulheres e jovens... De resto, haverá que notar, como o fez já o fez Ugo Rozzo, que as obras que se inscrevem no filão da literatura religiosa ou de espiritualidade foram aquelas que, desde os primórdios da imprensa e durante largo tempo, mereceram, muito especialmente, a atenção por parte dos prelos, levando-nos, assim, a subscrever as suas palavras, segundo as quais o livro impresso, quando nasce, é religioso.¹⁴ Disso nos dão testemunho as dedicatórias de muitas obras editadas ao longo do século XVI em Portugal — embora tal não signifique que obras inscritas em outros filões literários não tivessem sido dirigidas a senhoras—, endereçadas, na maior parte dos casos, a rainhas e infantas. No universo editorial português de Quinhentos, recenseámos cerca de cinquenta obras dedicadas a senhoras, não apenas leigas, como também religiosas.

¹⁰ Xenia von TIPPELSKIRCH, *Sotto controllo. Letture femminili in Italia nella prima età moderna*, Roma, Viella, 2011, pp. 206-221.

¹¹ Pedro M. CÁTEDRA, «“Bibliotecas” y libros “de mujeres” en el siglo XV», *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, nº 0 (2003), pp. 13-27; Pedro M. CÁTEDRA; Anastasio ROJO, *Bibliotecas y Lecturas de Mujeres. Siglo XVI*, Instituto de Historia del Libro y de la Lectura, 2004; Damien PLANTEY, *Les bibliothèques des princesses de Navarre au XVI^e siècle: livres, objets, mobilier, décor. Espaces et usages*, Villeurbanne, Presses de l'enssib, 2016.

¹² BARANDA, «Por persona interpuesta...», p. 189.

¹³ GÜELL, «Paratextos de algunos libros de poesía... », p. 20.

¹⁴ Ugo ROZZO, «Editoria e storia religiosa (1465-1600)», en G. de ROSA, T. GREGORY, A. VAUCHEZ (a cura di), *Storia dell'Italia Religiosa. 2. L'Età Moderna*, Roma-Bari, Editori Laterza, 1994, p. 137.

2. É em torno de rainhas e infantas que gravitam a maior parte dos autores durante o século XVI: a título de exemplo, valerá a pena evocar os casos das rainhas D. Leonor de Lencastre (1458-1525) e D. Catarina de Áustria (1507-1578) ou da infanta D. Maria (1521-1577), filha de D. Manuel I e de sua terceira mulher, D. Leonor de Áustria.

Como já realçou Helena Costa Toipa¹⁵, D. Leonor de Lencastre encomendou e patrocinou a edição de várias obras, entre as quais se contam: a tradução da *Vita Christi* (1495),¹⁶ escrita em latim por Ludolfo de Saxónia;¹⁷ a tradução do *Livro de Marco Polo*, *O Livro de Nicolao Veneto* e *Carta de um Mercador Genovês* (1502),¹⁸ dedicada ao rei D. Manuel I; a tradução, por Fr. Bernardo e Fr. Nicolau Vieira, dos *Actos dos Apóstolos* (1505),¹⁹ da autoria de Bernardo de Briuega; a tradução do *Boosco Deleitoso* (1515), impressa por Hermão de Campos, que aproveitava, em boa medida, o *De Vita Solitaria*, de Petrarca, e que conheceu uma significativa recepção em alguns círculos cultos;²⁰ uma nova edição do *Espelbo de Cristina* (1518),²¹ de Cristina de Pizan, que já tinha sido traduzido para português, por ordem da rainha D. Isabel de Coimbra, mulher de D. Afonso V. D. Leonor patrocinou também a edição de duas obras de Fr. António de Beja, que lhe foram dedicadas, a saber, *Contra os juízos dos astrólogos. Breve Tratado contra a opinião de alguns ousados astrólogos que por regras de Astrologia non bem entendidas ousam em publico juízo dizer que ha quatro, ou cinco dias de Fevereiro do anno de 1524 por ajuntamento de alguns Planetas em bo signo de*

¹⁵ Helena Costa TOIPA, «Cataldo Sículo e o mecenato da Rainha D. Leonor», *Mathésis*, 3 (1994), pp. 167-197.

¹⁶ No colofon da obra lê-se: «E seendo a serenissima senhora Raynha de seu proprio natural muy virtuosa e a todo acrescentamento e bẽ da repubrica destes regnos e senhorios, segudo seu poder e boa vontade naturalmente inclinada, nõ somente nas cousa que a corporal vida cõvem; mas per hũa singular e virtuosa inclinaçam aqllas que ao spiritual viver pertencẽ (...) mandou estãpar e de forma fazer em lingoa materna e português linguagem, como de feito com divino favor per obra comprio, com muyta dispeza de sua fazenda, por serviço de nosso senhor e proveito commũ». Veja-se, a propósito, Aires Augusto NASCIMENTO, «A *Vita Christi* de Ludolfo de Saxónia, em português: percursos da tradução e seu presumível responsável», *Euphrosyne. Revista de Filologia Clássica*, nova série, vol. XXIX, Centro de Estudos Clássicos/Faculdade de Letras de Lisboa, 2001, pp. 125-142.

¹⁷ Impresso por Nicolau de Saxónia e Valentim de Morávia.

¹⁸ Lisboa, por Valentim Fernandes.

¹⁹ Impressos em Lisboa, por Valentim Fernandes.

²⁰ Zulmira Coelho dos SANTOS, «A presença de Petrarca na literatura de espiritualidade do século XV: o *Boosco Deleitoso*», in *Actas do Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua época*, vol. V: *Espiritualidade e Evangelização*, Porto, Universidade do Porto/Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989, pp. 91-108.

²¹ Impresso em Lisboa, por Germão Galharde.

piscis será gram diluvio na terra (1523)²² e a sua tradução da Epístola de S. João Crisóstomo intitulada *Nemo laeditur* (1522).²³ Neste sentido, o papel desempenhado por D. Leonor, sobretudo durante o reinado do seu irmão, D. Manuel I, reflecte bem o seu propósito de afirmar uma corte de prestígio no concerto dos reinos europeus e revela-se, simultaneamente, em sintonia com as acções de outras rainhas e princesas da época que exerceram uma grande influência junto de outras grandes senhoras, particularmente ao nível das traduções e de obras de espiritualidade.²⁴

A D. Catarina de Áustria foram dedicadas várias e diversas obras: disso são exemplo o *Tratado llamado mysterios dela Deuocion compuesto por un religioso dela Orden de San Francisco de la prouincia de Santiago* (1537); a tradução/adaptação do *Carro de las Donas* (1542); o *Libro Primero del Espejo de la princesa christiana* (cerca de 1543) de Francisco de Monzón; o *Livro dos remedios contra os sete pecados mortays* (Lisboa, 1543) de Fr. João Soares (E.S.A.); o *Comento en Romance a manera de repeticion latina y scholastica de Iuristas sobre el capitulo Inter Verba* (Coimbra, 1544), e *Comento o repeticion del capitulo Quando. De Consecratione* (Coimbra, 1545 e 1550) de Martín de Azpilcueta Navarro; a tradução do *Livro da vida e milagres do Glorioso e Bemaventurado São Bernardo* (Lisboa, 1544) por Fr. Gonçalo da Silva (O. Cister); a tradução das duas partes da *Coronica Geral de Marco Antonio Cocio Sabelico* (primeira e segunda parte, Coimbra, 1550 e 1553, respectivamente) por D. Leonor de Noronha; *Sanctae Elizabeth Portugalliae quondam Reginae Officium* (Coimbra, 1551) de André de Resende; o *Sumario da pregação funebre (...) no dia da tresladação dos ossos (...) de D. Manuel e de D. Maria* (Lisboa, 1551) de D. António Pinheiro; o *Tratado de la vida, loores y excelências del bienaventurado evangelista San Juan* (Lisboa, 1554) de Fr. Diego de Estella (O.F.M.); *Dos privilegios & praeogativas que o genero feminino tem por direito comum e ordenações do Reino mais que o género masculino* (Lisboa, 1557) de Rui Gonçalves; a *Segunda Parte del libro llamado Guia de Peccadores* (Lisboa, 1557) de Fr. Luis de Granada (O.P.); *In Academia Conimbricensi rei medicae professoris, & Inclytae Reginae medici physici, in pluribus ex ijs quibus Galenus impugnatur ab Andrea Vesalio Bruxelēsi cōstructione & vsu partium corporis humani, desensio* (Coimbra, 1559) de Alfonso Rodríguez de Guevara; a *Vida e milagres de Santa Izelabel Rainha de Portugal* (Coimbra, 1560) de Diogo Afonso de Macedo; a tradução do *Libro de S. Ioan Climaco, llamado Escala Spiritual* (Lisboa, 1562) por Fr. Luís de Granada (O.P.); a *Segunda Parte das Chronicas da Ordem dos Frades Menores* (Lisboa, 1562) de Fr. Marcos de Lisboa (O.F.M.); a *Exposiçam da Regra do glorioso Padre Sancto Augustinho* (Lisboa, 1563) de Fr. Diogo de S. Miguel (E.S.A.); *De obitu et*

²² No cólofon lê-se: «Foy imprimida esta obra a louvor de Deos, e consolação dos fieis novamente em a Cidade nobre de Lisboa per German Galharde emprimidor por mandado da Serenissima, e muito alta Senhora Rainha D. Lianor a sete dias de Março de mil quinhentos, e vinte, e tres annos».

²³ Lisboa, por German Galharde.

²⁴ Evelynne BERRIOT-SALVADORE, *Les femmes dans la société française de la Renaissance*, Genève, Droz, 1990, esp. cap. «Les dédicaces et préfaces», pp. 369-390.

apotheosi invictissimi Ioannis Tertii Lusitaniae, & Algarbiorum Regis, Africi, Persici, Arabici, Aethiopici. Qui anno 1557 tertio Idus Iunij ad superos concessit (Lisboa, 1565) de Cadabal Gravio Calidonio; *Versos devotos en loor de Nuestra Señora* (Lisboa, 1573) de Francisco Lopes; os *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo* (Lisboa, 1575) de Gonçalo Fernandes Trancoso.²⁵

Por sua vez, Francisco de Moraes dedicaria à infanta D. Maria a *Primeira e segunda parte do Palmeirim de Inglaterra* (1567),²⁶ um livro de cavalarias que, por esses anos, fazia o gosto de leitores fascinados por relatos de aventuras ficcionais –ainda que os seus autores– e Moraes fá-lo também – recorressem sistematicamente ao tópico da verdade/veracidade: com efeito, não deixa de ser sugestivo que Moraes tenha dedicado uma obra pertencente àquela tipologia a uma senhora, em uma época em que teólogos e moralistas vinham tecendo acérrimas críticas à literatura profana, colocando-a em xeque, e mantendo em vigilância as autoridades inquisitoriais, na medida em que esta constituía um perigo para donzelas e «moços livianos»²⁷: com efeito, é o próprio Francisco de Moraes que declara que esta dedicatória foi «cousa que alguns ouuerão por erro, afirmando que historias vãs, não haõ de ter seu assento tam alto, fazendo da menor culpa mayor inconveniente, nã tendo respeito que as vezes scripturas de leue fundamento, tem palauras, costumes e feitos de que nace algum fruto». Mas, em todo o caso, importará lembrar, como o fez Isabel Almeida, que «foi precisamente na órbita do monarca ou de seus próximos que gravitaram, até meados de Quinhentos, os autores de livros

²⁵ Maria de Lurdes Correia FERNANDES, «Literatura moral e discursos jurídicos. Em torno dos “privilégios” femininos no século XVI em Portugal», *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literatura*, XVII (2000), pp. 403-418; Paula Almeida MENDES, «“Aa mais excellête & suprema Princesa & senhora do mudo”. Sobre algumas dedicatórias a D. Catarina de Áustria (1507-1578)», em Dimitri ALMEIDA, Vanda ANASTÁCIO, Maria Dolores MARTOS PÉREZ (ed.), *Mulheres em rede / Mujeres en red. Convergências lusófonas*, Berlin, LIT, 2018, pp. 19-41.

²⁶ Evora, por André de Burgos. Sobre as dedicatórias dirigidas à infanta D. Maria, cf. Carla Alferes PINTO, *A Infanta Dona Maria de Portugal. O mecenato de uma princesa renascentista*, Lisboa, Fundação Oriente, 1998, pp. 147-159.

²⁷ Entre uma vasta bibliografia sobre esta problemática, remetemos para: Maria Francisca de Oliveira ANDRADE, «Reacção quinhentista da Filosofia Moral contra os Romances de Cavalaria», *Revista Portuguesa de Filosofia. Actas do 1 Congresso Nacional de Filosofia*, tomo XI, vol. II, fascs. 3-4, pp. 455-457; Marcel BATAILLON, *Erasmus y España. Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI* (trad. de Antonio Alatorre), México, Fondo de Cultura Económica, 1995, cap. XII («La estela del erasmismo en la literatura profana»), pp. 609-698; Isabel Adelaide Penha Dinis de Lima e ALMEIDA, *Livros portugueses de cavalarias, do Renascimento ao Maneirismo*, tese de Doutoramento, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1998; Jorge A. OSÓRIO, «Um “género” menosprezado: a narrativa de cavalaria do séc. XVI», *Máthesis*, 10 (2001), pp. 9-34; Zulmira C. SANTOS, «Sobre livros de cavalaria, leituras e leitores nos séculos XVI e XVII», in *De cavaleiros e cavalarias. Por terras de Europa e Américas* (org. de Lênia Márcia Mongelli), Humanitas, 2012, disponível online em <editora.fflch.usp.br/sites/editora.fflch.usp.br/files/669-677.pdf> [última consulta em 01/07/2012].

de cavalarias»²⁸: e, efetivamente, Francisco de Moraes confessa que havia recebido muitas mercês de D. Leonor, mãe de D. Maria que, por esses anos, era já rainha de França...

À infanta D. Maria dedicou a «latinista» Luísa Sigea o poema *Syntra*²⁹ e o diálogo *Duarum virginum colloquium de vita aulica et privata* (1552). O Doutor Martín de Azpicuelta Navarro, canonista na Universidade de Coimbra, dirigiria à infanta portuguesa a obra *Relectio in Leuitico sub. Cap. Quis aliquando de poenit.* Dist. I quae de anno iobeleo, & iobelea indulgentia principaliter agens, totam indulgentiarum materiam exhaurit (1550)³⁰ e a edição romana dos seus *Commentarius de iobeleo et Indulgentiis Omnibus, In Leuitico sub. cap. Si quis aliquando, de Poenit. Dist. Prima, & in Extrauag. primam, Antiquorum, secundam, Vnigenitus, & 4. Quemadmodum, de Poenit, & remiss. Olim anno Iobeleo 1550*. Por sua vez, André de Resende dedicaria a D. Maria a *Epistola ad D. Emmanuelis P. F. Invicti Filiae D. Ioannis III P. F. Inuicti Sorori, Mariae, principi eruditissimae* (1545),³¹ na qual elogia a erudição da infanta, enquanto Fr. Nicolau Coelho do Amaral lhe dirigiria o seu *Monostichon de primis hispanorum regibus. Liber primus* (1554).³² O humanista português Aquiles Estaço ofereceria à infanta a sua tradução do *De Trinitate, siue de fide liber* (1575).³³ À infanta D. Maria foi também dedicada a *Primeira Parte do Compêdio de Chronicas da Ordem da muito bemauenturada sempre virgem Maria do monte do Carmo* (1572),³⁴ por Fr. Simão Coelho. Entre outras obras dedicadas à infanta portuguesa, contam-se: o *Tratado de algunas muy devotas oraciones para prouocar al amor de Dios y de las otras virtudes* (1561),³⁵ por Fr. Luís de Granada (O.P.); a edição de 1570 de *Este libro he do começo da historia de nossa redençam* (1570), de D. Leonor de Noronha; a *Instituição & Summario das graças, & privilegios concedidos aa Ordẽ da sanctissima Trindade & redempçam de captiuos* (1572),³⁶ por um religioso da mesma ordem; a tradução e recopilação, feita por Fr. Francisco Ibañez (O.S.B.), da *Vida do mui glorioso abbade São Bento* (1577).³⁷

3. Mas no universo editorial português de Quinhentos é possível respigar casos de obras dedicadas a senhoras nobres. Vejamos alguns exemplos.

²⁸ ALMEIDA, *Livros portugueses de cavalarias*, p. 39.

²⁹ Cf. Odette SAUVAGE, «Sintra, poème latin de Luisa Sigea», *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, V (1972), pp. 560-570.

³⁰ Conimbricæ, Ioannes Barrerius & Ioannes Aluarus.

³¹ Publicada por Gabriel de Paiva DOMINGUES, em *A "Sempre-Noiva". Carta de André de Resende à Infanta D. Maria*, Coimbra, Atlântida Editora, 1976.

³² Coninbrigæ.

³³ Romæ, in aedib. Populi Romani.

³⁴ Lisboa, per Antonio Gonçaluez.

³⁵ En Lisboa, en casa de Ioannes Blauio de Colonia.

³⁶ Impresso em Lisboa, em casa de Antonio Gonçaluez.

³⁷ Impresso em Lisboa, per Antonio Ribeiro. A dedicatória é da autoria de Fr. Pedro de Chaves (O.S.B.).

Francisco de Monzón dedicou a D. Maria de Silva³⁸ o tratadinho *Norte de Ydiotas* (1563).³⁹ O autor afirma tê-lo feito devido ao facto de a casa de D. Maria de Silva ser:

hospital de pobres, y méson de peregrinos, y escuela adonde se ejercitan las obras de la vida activa con toda caridad, y así es un monasterio y casa de religión adonde se reciben muy frecuentemente los santos sacramentos, y se ejercitan perfectamente los ejercicios espirituales de la vida contemplativa, ocupando señores y criados no pequeña parte del tiempo en santas meditaciones, según que van sumadas en este breve tratadico, debajo del título de una noble y devota mujer, que vos presenta al vivo, aunque se finge que ésta no sabía leer: porque se dé general ejemplo a todas las personas que, aunque no tengan lección de libros, se podrán ejercitar en todos los ejercicios de la vida espiritual⁴⁰

A dedicatória insiste, assim, na centralidade que a prática e virtude da caridade assume na configuração do retrato moral de D. Maria da Silva, ao mesmo tempo que chama a atenção para os «ejercicios espirituales de la vida contemplativa», que se parecem, naturalmente, inscrever nos veios que configuraram as várias modalidades formas e modalidades no domínio da oração. Deste modo, a faceta espiritual e devota de D. Maria da Silva que Francisco de Monzón traça na dedicatória do *Norte de Ydiotas* parece, efectivamente, aproximar o seu exemplo modelar do de outras figuras que se distinguiram nas mesmas dimensões, propondo-o à imitação dos leitores e declinando como o amor aos pobres se configura como uma via de «santificação» dos leigos. Efetivamente, este tratado parece apresentar-se como uma espécie de «manual» devocional –muito próximo das *Bibliae pauperum*– tanto para D. Maria de Silva, como para os seus servidores, enquadrando-se, deste modo, na estratégia contrarreformista encetada pela Igreja católica, para edificar e doutrinar maciçamente os fiéis (sobretudo os mais humildes e/ou iletrados), apelando, como realçou Pierre Civil, a uma espiritualidade mais individualista e interiorista, ainda que, como é sabido, certos setores do poder eclesiástico não tenham visto «com bons olhos» estas «correntes de sentimento religioso»⁴¹.

³⁸ D. Maria de Silva era filha de João de Mello da Silva; casou com Francisco de Sousa Tavares, que foi capitão de Calecut, Cananor e Diu e autor do *Livro da doutrina espiritual*, Lisboa, por João Barreira, 1564 (cf. D. António Caetano de SOUSA, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, t. XII-Parte I, Coimbra, Atlântida, 1953, p. 156).

³⁹ Impresso em Lixboa, en casa de Ioannes Blauio de Colonia. Utilizamos a seguinte edição: Pierre CIVIL, *Image et dévotion dans l'Espagne du XVI^e siècle: le traité Norte de Ydiotas de Francisco de Monzón (1563)*, Paris, Publications de la Sorbonne/Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1996. Cf. CIVIL, *Image et dévotion...*, pp. 32-34; BARANDA, «Women's Reading Habits...», pp. 19-20

⁴⁰ Francisco de MONZÓN, ed. cit., «dedicatória», pp. 142-143.

⁴¹ CIVIL, *Image et dévotion*.

Por sua vez, Fr. Luís de Granada (O.P.) dedicaria o seu *Guia de pecadores, enel qual se enseña todo lo que el Christiano deue fazer, dende el principio de su Conuersion hasta el fin dela Perfection* (1556) a D. Elvira de Mendonça.⁴² A dedicatória do autor a esta senhora,⁴³ que nos permite auscultar a forte proximidade que existia entre os dois, parece, com efeito, afigurar-se significativamente importante, na medida em que calibra certos aspetos da vida espiritual e devota da dedicatária que, após a sua morte, serão elogiados na «Vida» que dela escreveu este religioso dominicano.⁴⁴ Fr. Luís de Granada começa por afirmar que o principal motivo que o levou a dedicar esta obra a D. Elvira de Mendonça prendeu-se «particularmête por tener entêdido cõ quan alegre rostro suele» esta senhora «recebir semejâtes presentes: como quiẽ la mayor parte del tiẽpo y dela vida gasta enellos».⁴⁵ Embora, como é sabido, as dedicatórias e os demais paratextos desta época devam ser lidos com a reserva necessária, parece-nos possível afirmar que, ainda que vivendo no estado de casada e tendo, assim, a seu cargo o governo da casa e da família, que, no entender do autor, são «cosas que muchas vezes distrayen el animo» dos «sanctos exercicios», D. Elvira de Mendonça não descurava a leitura de obras de espiritualidade, que, de resto, terão contribuído para moldar a pauta comportamental pela qual se regia e convertê-la em um exemplo de virtude e devoção —ou seja, de «perfeita casada»— para imitação das outras senhoras do reino português. No entanto, a dedicatória não nos fornece dados informativos, que nos permitam sustentar com rigor que tenha sido D. Elvira de Mendonça a comandatária da obra, o que poderia, efectivamente, apontar no sentido de um certo poder económico e financeiro desta senhora... No estado de viúva, D. Elvira de Mendonça ingressou no mosteiro de Montemor-o-Novo, da Ordem de S. Domingos, onde faleceu, com «fama de santidade», a 10 de fevereiro de 1575.⁴⁶ Em todo o caso, importa sublinhar que esta dedicatória dirigida a D. Elvira de Mendonça seria substituída, na edição impressa em Barcelona, em 1594, por uma dedicatória endereçada a Filipe II.

Pese embora o facto de, como já referimos, a maioria das obras dedicadas a senhoras ao longo do século XVI se inscrever no filão da literatura de espiritualidade, é possível respigar casos em que textos pertencentes a outras

⁴² D. Elvira de Mendonça era filha de D. João de Alarcão; casou com D. Fernando Martins Mascarenhas, senhor de Lavre e Estepa, alcaide-mor de Montemor-o-Novo e de Alcácer do Sal, capitão dos ginetes e comendador de Mértola, s.g. Cf. D. António Caetano de SOUSA, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, t. XII — Parte I, p. 229.

⁴³ As edições impressas em Salamanca, em 1567 e 1573, apresentam esta dedicatória.

⁴⁴ Fr. Luís de GRANADA (O.P.), *Vida de la muy ilustre señora Doña Elvira de Mendoza*, en *Obras de Fr. Luís de Granada de la Orden de Santo Domingo*, edición crítica y completa por Fr. Justo Cuervo, tomo XIV, Madrid, Imprenta de la Viuda y Hija de Gómez Fuentenebro, 1906, pp. 411-422.

⁴⁵ Fr. Luís de GRANADA, *Vida de la muy ilustre señora Doña Elvira de Mendoza...*, «dedicatória».

⁴⁶ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano*, Tomo I, Lisboa, na Officina Craesbeeckiana, 1652, p. 403.

tipologias são dirigidos a figuras femininas. Assim o testemunha a dedicatória da *Tragédia da vingança que foi feita sobre a morte del Rei Agaménom*, ou *Tragédia de Orestes*, como é designada por duas vezes no único impresso que dela nos chegou, datado de 1555 (foi editada pela primeira vez em 1536) de Anrique Aires Vitória, dirigida a D. Violante de Távora.⁴⁷ Esta adaptação em verso da tragédia *Electra*, de Sófocles –que é também a primeira tradução de uma peça de teatro para português– constitui um dos raros exemplos de recepção e revisitação da tragédia clássica no universo editorial do Portugal do século XVI. A dedicatória da obra não nos fornece elementos que nos permitam, com rigor, sustentar que D. Violante de Távora tenha custeado a edição da obra. Em todo o caso, essa hipótese parece-nos que não poderá, efectivamente, ser descartada, na medida em que, tendo em conta os dados recolhidos, D. Violante de Távora seria uma senhora cuja condição social e económica lhe permitiriam patrocinar a edição de uma obra. Por outro lado, D. Violante de Távora seria, muito provavelmente, receptiva aos «sopros» do Humanismo, tal como o foram a corte portuguesa, depois da vinda de Cataldo Parísio Sículo, em 1485, e muitas casas nobres, que encarregaram também o mesmo mestre da educação dos seus filhos.

A D. Juliana de Lara e Meneses, duquesa de Aveiro,⁴⁸ dedicou André de Resende *Ha Sancta Vida, e religiosa conversão de Fr. Pedro Porteiro do Mosteiro de Sancto Domingos de Evora* (1570).⁴⁹ A razão da dedicatória desta obra de André de Resende a D. Juliana parece-nos prender-se com o facto de este ter sido mestre desta senhora e do seu irmão, D. Miguel de Meneses, conde de Alcoutim, durante a puerícia, mas também com o cuidado e a preocupação que aquela e o seu marido votavam «às cousas tocantes à piedade e religião».⁵⁰ O próprio André de Resende, que, ainda na adolescência, professou na

⁴⁷ D. Violante de Távora era filha de Pedro de Sousa, senhor de Prado, alcaide-mor de Seabra, e de D. Maria Pinheira. Casou, em primeiras núpcias, com Rui de Sousa Cid, e, em segundas núpcias, com D. Álvaro de Ataíde, senhor de Castanheira. Cf. SOUSA, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, t. XII – Parte II, p. 239.

⁴⁸ D. Juliana de Lara e Meneses era filha de D. Pedro de Meneses, III marquês de Vila Real, e de D. Brites de Lara (filha esta de D. Afonso, VIII Condestável de Portugal, e de D. Joana de Noronha). Casou com D. João de Lencastre, I duque de Aveiro, filho de D. Jorge, II duque de Coimbra, e de D. Beatriz de Vilhena (cf. D. António Caetano de SOUSA, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, t. II, Coimbra, Atlântida, 1946 pp. 291-292, e tomo XI, pp. 30-31; Afonso Eduardo Martins ZUQUETE, *Nobreza de Portugal e do Brasil*, vol. II, Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, 1989, pp. 342-343, e vol. III, p. 527).

⁴⁹ Évora, por André de Burgos. Esta «Vida» foi traduzida na língua latina por Fr. Estêvão de Sampaio, O.P., com alguns aditamentos, e saiu na obra intitulada *Thezaurus arcanus Lusitanis gemmis refulgens* Parisiis, apud Thomam Perier, 1586. Utilizamos a seguinte edição: André de RESENDE, *Obras Portuguesas* (prefácio e notas do prof. José Pereira Tavares), Lisboa, Sá da Costa Editora, 2009.

⁵⁰ André de RESENDE, ed. cit., p. 155.

Ordem dos Pregadores, foi, talvez por influência de sua mãe, devoto de Frei Pedro,⁵¹ «santo religioso natural e filho»⁵² de Aveiro, e o facto de dedicar a obra a D. Juliana é bastante significativo pelo que pode revelar do gosto desta senhora por estas leituras e do crédito que ela daria à própria devoção dos santos, pedindo-lhe que receba «este serviço com aquele zelo cristão e religiosa piedade que de seus avós e padres em herança lhe coube e pertence haver em casa, de sangue católico e real tão ornamentada».⁵³

A D. Ana de Távora, condessa de Castanheira⁵⁴ e nora de D. Violante de Távora, dedicou Fr. Marcos de Lisboa (O.F.M.) a sua tradução de um texto de Johann Tauler, com o título *Exercícios & muy deuota meditação da vida & paixam de nosso Senhor Iesu Christo* (1571).⁵⁵ O tradutor começa por referir que, logo que terminou a tradução deste tratado «da meditação que a alma deuota & desejosa de aproveitar, deue ter em a paixam de nosso Senhor Iesu Christo», o mostrou a D. Ana de Távora, «pera que gozasse delle seu spirito exercitado em as cousas spirituaes». O gosto com que a condessa de Castanheira recebeu «estas santas meditações» foi, segundo Fr. Marcos de Lisboa, tão grande, que esta logo ofereceu «o gasto, se ouuera o meyo côueniente pera a impressam», «pera proueito das almas», tendo «por esta causa encomendou (...) ao Reuerendissimo Senhor o Señor Dom Iorge D'attaide Bispo de Viseu, seu filho, que lhe mandasse imprimir este tratado & elle se encarregou disso». Mas a faceta espiritual e devota de D. Ana de Távora não ficaria completa se não recordássemos como, adiante, o religioso franciscano louva o seu recolhimento –de resto, uma das virtudes especificamente feminina mais valorizada, insistentemente recomendada pela tratadística moral–, os seus «deutos exercicios, (...) o mundo desprezado, & todo o tempo, pensamento & desejo entregue em santas meditações» e o tempo consagrado à leitura de obras de espiritualidade, refletindo a influência da herança do movimento europeu de reforma espiritual que ficou conhecido como *Devotio moderna*,⁵⁶ que constituiu um passo crucial no sentido da afirmação de uma espiritualidade mais afetiva, que muito passou pela procura de novas ou renovadas formas de

⁵¹ André de RESENDE, ed. cit., p. 201.

⁵² André de RESENDE, ed. cit., p. 156.

⁵³ André de RESENDE, ed. cit., p. 156.

⁵⁴ D. Ana de Távora era filha de Álvaro Pires de Távora, senhor de Mogadouro, e de D. Joana da Silva; casou com D. António de Ataíde, 1º conde de Castanheira, senhor de Povos e de Cheleiros, vedor da Fazenda de D. João III e do seu Conselho. (Cf. SOUSA, t. XII-Parte I, p. 41).

⁵⁵ Impresso em Viseu, per Manoel Ioã, impressor de sua Illustrissima Senhoria.

⁵⁶ José Sebastião da Silva DIAS, *Correntes de sentimento religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)*, tomo I, Universidade de Coimbra, 1960.

experiência espiritual, sobretudo nos caminhos de aprofundamento da oração.⁵⁷

A D. Margarida Corte Real, condessa e depois marquesa de Castelo Rodrigo,⁵⁸ dedicou Fr. Manuel Rodrigues (O.F.M.) a edição de 1597 da sua *Summa de Casos de Consciencia, con advertências muy provechosas para Confessores*. Não deixa de ser significativo o facto de o autor dedicar a uma senhora esta obra que, dado o seu conteúdo, constituía um tipo de texto mais direccionado para um público masculino e eclesiástico; em todo o caso, D. Margarida Corte Real era uma «habitual» dedicatária de obras de espiritualidade e devoção,⁵⁹ mas também de obras de natureza mais «profana» —disso são exemplo as *Varias Obras de Duarte Diaz em lingoa Portuguesa, e Castelhana* (Madrid, 1592)—⁶⁰, circunstância que, apesar de tudo, deve ser encarada com a devida reserva: de facto, não dispomos de qualquer dado que nos permita sustentar, com rigor, que esta senhora lesse ou meditasse sobre os textos em causa... Fr. Manuel Rodrigues confessa ter dedicado esta obra à condessa de Castelo Rodrigo para que esta pudesse «saber, y conocer el camino» da bem-aventurança, «y donde ay peligro, o mal passo; para que temendo, y huyendo delo que es razon: y no haziendo caso de los vanos, y enganosos miedos, que nos pone delante la ignorância, caminando seguramente (...) por este valle de lagrimas, lleguemos al descansado puerto de aquella Celestial Hierusalem, que tanto desseamos».⁶¹ Mas a dedicatória deixa também entrever a forte amizade que existia entre o franciscano e D. Margarida Corte Real, convertendo-a, assim, em um acto de gratidão, na medida em que esta «matrona» «tan principal» havia já acolhido com «benignidad, y mansedumbre» outros textos do autor.

A uma outra senhora, D. Inês Freire de Andrade, dedicou Fr. Jerónimo Román a *Historia de los dos religiosos Infantes de Portugal* (Medina del Campo, 1595), na qual relata as vidas do infante D. Fernando, filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, e da princesa D. Joana, filha de D. Afonso V e de sua mulher, D. Isabel de Coimbra. Este paratexto revela-se-nos particularmente

⁵⁷ Para o caso português, veja-se Maria de Lourdes BELCHIOR, José Adriano de CARVALHO, «Génese e linhas de rumo da espiritualidade portuguesa», in *Antologia de espirituais portugueses*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994, pp. 11-23.

⁵⁸ D. Margarida Corte Real era filha de Vasco Anes Corte Real e de D. Catarina de Mascarenhas. Casou com D. Cristóvão de Moura, I marquês de Castelo Rodrigo (cf. Manuel José da Costa FELGUEIRAS GAYO, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, tomo XII, Braga, Oficinas Gráficas da «Pax», 1939, p. 235).

⁵⁹ O Padre João REBELO (S.J.) dedicou-lhe a *História dos Milagres do Rosário* (Évora, por Manuel de Lira, 1602) e Fr. Pedro de VEGA (O.S.A.) dedicou-lhe a primeira parte da *Declaracion de los Siete Psalmos Penitenciales* (Çaragoça, por Carlos de Lauayen, 1606).

⁶⁰ Com efeito, parece ter havido uma muito significativa proximidade entre Duarte Dias e D. Margarida Corte Real e o seu marido, D. Cristóvão de Moura, I conde de Castelo Rodrigo e depois I marquês de Castelo Rodrigo. De resto, bastará lembrar que a este grande senhor dedicou Duarte DIAS a obra *La conquista que hizieron los poderosos y Catholicos Reyes Don Fernando, y Doña Ysabel, en el Reyno de Granada* (Madrid, 1590).

⁶¹ Fr. Manuel RODRIGUES, *Summa de Casos de Consciencia...*, «dedicatória».

sugestivo pelo que nos revela de certas facetas da vida desta senhora, mas também das circunstâncias em que ocorreu a produção desta obra. Foi, precisamente, D. Inês quem «compelio» Fr. Jerónimo a redigir a obra: estando este religioso na vila de Albuquerque a escrever a «historia de la excelentissima casa de Bragança», foi obrigado a fazer «diversas diligencias» para este propósito, tendo, em uma delas, se deslocado a Badajoz, tendo vindo aquela senhora ao seu encontro. D. Inês e Fr. Jerónimo conversaram sobre muitas matérias «de piedad y religiõ, que auia en Portugal, principalmente de personas Reales (como la que tiene coraçõ generoso y lleno de piedad) que fueron sanctas»: neste sentido, é muito significativo o facto de D. Inês Freire de Andrade, movida por «afficion sancta y deuocion piadosa», dar a entender «quanto gustaria de ver sus vidas impressas, para gozar del interes spiritual que se sacaria de ellas», atitude que o biógrafo claramente louva, por ser «cosa tan propria de señora». ⁶² Aliás, é bem sintomática a crítica que o religioso agostiniano lança a «otras señoras» que, ao contrário de D. Inês, «acceptan las dedicaciones de libros bien profanos, y que no autorizã la honestidad dela muger graue». ⁶³

A D. Cecília d'Eça ⁶⁴ dedicou Fr. Jerónimo Roman (O.E.S.A.) a *Historia de la vida del muy religioso varón fray Luis de Montoya* (1589). ⁶⁵ Desde logo, Fr. Jerónimo Román deixa-nos claramente perceber que a dedicação desta obra (que já havia sido começada por Fr. Tomé de Jesus), constitui um acto de gratidão para com D. Cecília e o seu marido, Luís César, pois tratavam-no muito familiarmente. ⁶⁶ O religioso agostiniano, «en reagrado de tanta humanidade», se não fez oração, «(por ser poco deuoto) para que las cosas dessa casa fuesen prosperas y felices», pôs, contudo, «en ella vn sancto varon para que la bendixesse, y lo tuuiesse como a padre: pues en Lisboa lo fue comunmente de todos. Este fue el sancto varon fray Luys de Montoya, de quien no tenga memoria, por su notable sanctidad, milagrosa vida, estremada humildad, y increyble deuocion». ⁶⁷ Seria D. Cecília uma discípula ou «filha espiritual» daquele «mestre de espírito», à semelhança da «virtuosíssima» viúva Maria Raimundes, mantelata agostiniana que, devido à sua vida espiritual e

⁶² Fr. Jerónimo ROMÁN, *Historia de la vida...*, «Dedicatória». Cf. Paula Almeida MENDES, *Paradigmas de Papel: a edição de «Vidas» de santos e de «Vidas» devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*, Porto, CITCEM, 2017, pp. 114-116.

⁶³ Fr. Jerónimo ROMÁN, *Historia de la vida...*, «Dedicatória».

⁶⁴ D. Cecília d'Eça era filha de Fernão de Castro, alcaide-mor de Melgaço, e de D. Helena d'Eça, filha esta de D. Francisco d'Eça, que serviu em África e faleceu em 1480, em Azamor, e de D. Cecília Pereira. Casou, em primeiras núpcias, com o desembargador Jorge Machado Boto, e, em segundas núpcias, com Luís César (cf., *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo XI, pp. 394). Cf. MENDES, *Paradigmas de Papel...*, pp. 111-114.

⁶⁵ Lisboa, por António Alvares.

⁶⁶ ROMÁN, *Historia de la vida del muy religioso varón fray Luis de Montoya*, ..., «Dedicatória».

⁶⁷ ROMÁN, *Historia de la vida del muy religioso varón fray Luis de Montoya*, ..., «Dedicatória».

devota exemplaríssima, era considerada uma «santa viva»?⁶⁸ A dedicatória da «Vida» de Fr. Luís de Montoya não nos fornece elementos suficientes para que o possamos afirmar com certeza; no entanto, ainda que a vida espiritual e devota de D. Cecília possa ter assumido contornos diferentes da de Maria Raimundes, o certo é que aquela e o religioso agostiniano mantiveram uma relação de grande proximidade.

No panegírico que traça de D. Cecília, Fr. Jerónimo Román sublinha a «affição» que esta senhora tinha a «las letras, y ler libros sanctos, y de outra lection curiosa y honesta, y tratar de ellos con tanta claridade de ingenio, que todas las cosas que toca las pone en sus próprios lugares, y segun merecen».⁶⁹ Disto é testemunha o autor, pois «todas las vezes que se ha tratado de curiosidades y exêplos de virtud y reprehension de vícios, tomando vuestra merced la mano assi aprueua y condena lo que quiere, que no dexa en que dubdar a los oyentes, ni da lugar a que se defiendan los que presumen, porque ellos mesmos se rinden».⁷⁰

No universo editorial do século XVI, em Portugal, respigamos também casos de obras dedicadas a religiosas; em todos os casos que recenseamos, trata-se de textos de natureza religiosa e de espiritualidade. Assim o mostram a dedicatória da tradução, da responsabilidade de Fr. Marcos de Lisboa (O.F.M.) do *Tractado do seraphico Doctor S. Boauentura chamado, Da perfeição da vida, em que claramente insina o sancto os caminhos pera a perfeição, specialmente das pessoas religiosas. Tractado do mesmo sancto, chamado Aruore da vida, que contem os principaes mysterios da vida de nosso Redemptor. Tractado do mesmo sancto, & forma breue pera insino dos nouiços na religiam. Hum breue A.B.C. spiritual, do mesmo Sancto* (1562),⁷¹ dirigida a soror Inês do Espírito Santo, abadessa do convento da Esperança em Lisboa. O religioso franciscano afirma tê-lo feito, pois «revolvendo os dias passados (...) as obras do Seraphico doctor sam Boauentura, pera dellas tirar a sua vida & algũa doctrina necessaria pera a hystoria das nossas Chronicas», achou «nellas hum tratado dirigido per o Seraphico sancto a hũa sua irmã freira de sancta Clara», que, a seu ver, «he amais facil, compendiosa, & proveitosa doctrina, & de mayores affeytos pera as pessoas religiosas, que se pdoe achar»⁷². Neste sentido, conhecendo «as graças muy particulares, que de nosso Senhor» tinha a madre Inês do Espírito Santo «recebidas», considera que esta religiosa, depois de ler e meditar nesta leitura, estaria numa condição privilegiada para «poder comunicar a suas religiosas súbditas as cousas do espirito, por que seria em cas cousas de verdade & sanctidade ter stylo de vaidade».

⁶⁸ Jorge CARDOSO, *Agiologio Lusitano*, tomo II, Lisboa, Henrique Valente de Oliveira, 1657, pp. 122-123.

⁶⁹ ROMÁN, 1589: «Dedicatória».

⁷⁰ ROMÁN, 1589: «Dedicatória».

⁷¹ Impresso em Lisboa, por Ioannes Blauio.

⁷² Fr. Marcos de LISBOA (trad.), *Tractado do seraphico Doctor S. Boauentura...*, «dedicatória».

A título de exemplo, valerá a pena evocar também o caso de D. Ana de Lencastre, comendadeira do mosteiro de Santos,⁷³ a quem foi dedicada, por Fr. Jerónimo Correia (O.P.), a *Vida da serenissima princesa D. Joana, filha del-rei D. Afonso V de Portugal* (1585)⁷⁴, de Fr. Nicolau Dias (O.P.), pois esta senhora era sobrinha-bisneta da princesa, o que torná-la-ia, de acordo com uma convicção difusa e atendendo aos aspectos ascéticos e espirituais que pautavam o seu comportamento, numa espécie de «herdeira espiritual» da «santa» dominica, mantendo-se, assim, fiel a uma longa tradição, segundo a qual santidade e nobreza de nascimento estariam estreitamente ligadas. Por sua vez, a D. Bernarda de Lencastre, abadessa de Lorvão,⁷⁵ foi dedicado o *Processo da penitente vida de Santo Amaro, e dos milagres que em sua vida e per seus merecimentos fez Nosso Senhor* (1577), de São Gregório Magno, traduzido e recopilado por Fr. Francisco Ibañez (O.S.B.).

4. Por tudo isto, os exemplos evocados parecem-nos declinar como a literatura e a cultura escrita em Portugal, ao longo do século XVI, surge frequentemente associada a várias figuras femininas da época –rainhas, princesas, infantas, senhoras da nobreza e religiosas–, mostrando que estas foram, por diversos factores de natureza social, económica e até moral, importantes «agentes» no âmbito das estratégias de comunicação da época, potenciando a emergência e a fixação de meios que a tornaram possível e que contribuíram para o fortalecimento do seu prestígio familiar ou espiritual, ou do seu poder simbólico. Esta moldura pautada por contornos que atestam, efectivamente, uma muito significativa presença feminina amplificar-se-á ao longo do século XVII, como alguns estudos já realçaram.⁷⁶ Embora a investigação a que procedemos possa iluminar alguns destes caminhos, este universo permanece ainda bastante opaco e poderá, talvez, tornar-se mais

⁷³ D. Ana de Lencastre, Comendadeira do mosteiro de Santos, o Novo, era filha de D. Luís de Lencastre, comendador da Ordem de Avis, irmão de D. João de Lencastre, I duque de Aveiro, e de D. Madalena de Granada; era, portanto, neta de D. Jorge de Lencastre, II duque de Coimbra, e bisneta de D. João II (cf. SOUSA, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa...* t. XI, pp. 121-123).

⁷⁴ Lisboa, por Antonio Ribeiro.

⁷⁵ Apesar dos esforços desenvolvidos, não conseguimos identificar com certeza quem foi esta D. Bernarda de Lencastre, abadessa do mosteiro de Lorvão. Encontrámos uma referência a uma D. Bernarda de Lencastre, abadessa de Lorvão, que, a avaliar pelas datas, parece-nos ser esta dedicatária, no IV tomo do *Agiolégio Lusitano*, de D. António Caetano de SOUSA (seguimos a edição fac-similada com estudo e índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Porto, Faculdade de Letras, 2002, p. 520), que afirma ser esta senhora «neta do grande Rey D. Manoel».

⁷⁶ Maria de Lurdes Correia FERNANDES, «Recordar os “santos vivos”: Leituras e práticas devotas nas primeiras décadas do século XVII português», art. cit.; Paula Almeida MENDES, «Dedicatórias e dedicatários de «Vidas» devotas e de santos em Portugal (séculos XVI-XVIII): entre a proteção e a devoção», *Via Spiritus*, 19 (2012), pp. 5-60 e *Paradigmas de Papel...*, pp. 87-122.

claro, à medida que outra documentação e outras fontes permitam a comparação de dados.

Bibliografia

- ALMEIDA, Adelaide Penha Dinis de Lima e, *Livros portugueses de cavalarias, do Renascimento ao Maneirismo*, tese de Doutoramento, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1998.
- ANDRADE, Maria Francisca de Oliveira, «Reacção quinhentista da Filosofia Moral contra os Romances de Cavalaria», *Revista Portuguesa de Filosofia. Actas do I Congresso Nacional de Filosofia*, tomo XI, vol. II, fascs. 3-4, pp. 455-457.
- ARREDONDO, María Soledad, CIVIL, Pierre; MONER, Michel (coords.), *Paratextos en la Literatura Española (siglos XV-XVIII)*, Madrid, Casa de Velázquez, 2009.
- BARANDA LETURIO, Nieves, *Cortejo a lo prohibido. Lectoras y escritoras en la España moderna*, Madrid, Editorial Arco/Libros, 2005.
- BARANDA LETURIO, Nieves, «Women's Reading Habits: Book Dedications to Female Patrons in Early Modern Spain», in Anne J. CRUZ, Rosalie HERNÁNDEZ (eds.), *Women's Literacy in Early Modern Spain and the New World*, Ashgate, 2011, pp. 19-39.
- BARANDA LETURIO, Nieves, «Por persona interpuesta: agencia cultural femenina en la temprana modernidad española», en Henar GALLEGO FRANCO, María del Carmen GARCÍA HERRERO (eds.), *Autoridad, poder e influencia. Mujeres que hacen Historia*, Barcelona, Icaria Editorial, 2017, pp. 185-206.
- BATAILLON, Marcel, *Erasmus y España. Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI* (trad. de Antonio Alatorre), México, Fondo de Cultura Económica, 1995.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes; CARVALHO, José Adriano de, «Génese e linhas de rumo da espiritualidade portuguesa», in *Antologia de espirituais portugueses*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994, pp. 11-23.
- BERRIOT-SALVADORE, Evelyne, *Les femmes dans la société française de la Renaissance*, Genève, Droz, 1990.
- BOUSQUET-VERBEKE, Lysiane, *Les dédicaces. Du fait littéraire au fait sociologique*, Paris, L'Harmattan, 2004.
- CÁTEDRA, Pedro M., «“Bibliotecas” y libros “de mujeres” en el siglo XVI», *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, nº 0 (2003), pp. 13-27.
- CÁTEDRA, Pedro M.; ROJO, Anastasio, *Bibliotecas y Lecturas de Mujeres. Siglo XVI*, Instituto de Historia del Libro y de la Lectura, 2004.
- CAYUELA, Anne, *Le paratexte au siècle d'Or. Prose romanesque, livre et lecteurs en Espagne au XVII^e siècle*, Genève, Droz, 1996.

- CAYUELA, Anne, «De reescritores y reescrituras: teoría y práctica de la reescritura en los paratextos», *Criticón*, 79 (2000), pp. 37-46.
- CIVIL, Pierre, *Image et dévotion dans l'Espagne du XVI^e siècle: le traité Norte de Ydiotas de Francisco de Monzón (1563)*, Paris, Publications de la Sorbonne/Presses de la Sorbonne Nouvelle, 1996.
- DIAS, José Sebastião da Silva, *Correntes de sentimento religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)*, tomo I, Universidade de Coimbra, 1960.
- DOMINGUES, Gabriel de Paiva, em *A “Sempre-Noiva”. Carta de André de Resende à Infanta D. Maria*, Coimbra, Atlântida Editora, 1976.
- FELGUEIRAS GAYO, Manuel José da Costa, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, tomo XII, Braga, Oficinas Gráficas da «Pax», 1939.
- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia, «Recordar os “santos vivos”: Leituras e práticas devotas nas primeiras décadas do século XVII português», *Via Spiritus*, 1 (1994), pp. 133-155.
- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia, «Literatura moral e discursos jurídicos. Em torno dos “privilégios” femininos no século XVI em Portugal», *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literatura*, XVII (2000), pp. 403-418.
- FFOLIOTT, Sheila, «European Women Patrons of Art and Architecture, c. 1500-1650. Some patterns», *Renaissance Forum*, 4 (2008).
- GAUDE-FERRAGU, Murielle; VINCENT-CASSY, Cécile (ed.), «*La dame de coeur. Patronage et mécénat religieux des femmes de pouvoir dans l'Europe des XIV^e-XVII^e siècles*», Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2016.
- GENETTE, Gérard, *La littérature au second degré*, Paris, Editions du Seuil, 1982.
- MENDES, Paula Almeida, *Paradigmas de Papel: a edição de «Vidas» de santos e de «Vidas» devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*, Porto, CITCEM, 2017.
- MENDES, Paula Almeida, «“Aa mais excellête & suprema Princesa & senhora do mudo”. Sobre algumas dedicatórias a D. Catarina de Áustria (1507-1578)», en Dimitri ALMEIDA, Vanda ANASTÁCIO, Maria Dolores MARTOS PÉREZ (ed.), *Mulheres em rede / Mujeres en red. Convergências lusófonas*, Berlin, LIT, 2018, pp. 19-41.
- MENDES, Paula Almeida, «Dedicatórias e dedicatários de «Vidas» devotas e de santos em Portugal (séculos XVI-XVIII): entre a proteção e a devoção», *Via Spiritus*, nº 19 (2012), pp. 5-60.
- Mónica GÜELL, «Paratextos de algunos libros de poesía del Siglo de Oro. Estrategias de escritura y poder», in ARREDONDO, María Soledad, CIVIL, Pierre; MONER, Michel (coord.), *Paratextos en la Literatura Española (siglos XV-XVIII)*, Madrid, Casa de Velázquez, 2009, pp. 19-36.
- NASCIMENTO, Aires Augusto, «A *Vita Christi* de Ludolfo de Saxónia, em português: percursos da tradução e seu presumível responsável», *Euphrosyne. Revista de Filologia Clássica*, nova série, vol. XXIX, Centro de Estudos Clássicos/Faculdade de Letras de Lisboa, 2001, pp. 125-142.
- OSÓRIO, Jorge A., «Um “género” menosprezado: a narrativa de cavalaria do séc. XV», *Máthesis*, 10 (2001), pp. 9-34.

- MENDES, Paula Almeida, «Dedicatórias e dedicatários de «Vidas» devotas e de santos em Portugal (séculos XVI-XVIII): entre a proteção e a devoção», *Via Spiritus*, n.º 19 (2012), pp. 5-60.
- PINTO, Carla Alferes, *A Infanta Dona Maria de Portugal. O mecenato de uma princesa renascentista*, Lisboa, Fundação Oriente, 1998, pp. 147-159.
- PLANTEY, Damien, *Les bibliothèques des princesses de Navarre au XVI^e siècle: livres, objets, mobilier, décor. Espaces et usages*, Villeurbanne, Presses de l'enssib, 2016.
- PLEBANI, Tiziana, «Nascita e caratteristiche del pubblico di lettrici tra medioevo e prima età moderna», en Gabriella ZARRI (a cura di), *Donna, disciplina, creanza cristiana dal XV al XVII secolo. Studi e testi a stampa*, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1996, pp. 23-44.
- RESENDE, André de, *Obras Portuguesas* (prefácio e notas do prof. José Pereira Tavares), Lisboa, Sá da Costa Editora, 2009.
- ROZZO, Ugo, «Editoria e storia religiosa (1465-1600)», en Gabriele De ROSA, Tullio GREGORY, André VAUCHEZ (a cura di), *Storia dell'Italia Religiosa. 2. L'Età Moderna*, Roma-Bari, Editori Laterza, 1994, pp. 137-166.
- SANTOS, Zulmira Coelho dos, «A presença de Petrarca na literatura de espiritualidade do século XV: o *Boosco Deleitoso*», in *Actas do Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua época*, vol. V: *Espiritualidade e Evangelização*, Porto, Universidade do Porto/Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989, pp. 91-108.
- SANTOS, Zulmira C., «Sobre livros de cavalaria, leituras e leitores nos séculos XVI e XVII», in Lênia Márcia MONGELLI (coord.), *De cavaleiros e cavalarias. Por terras de Europa e Américas*, Humanitas, 2012, disponível online em <editora.fflch.usp.br/sites/editora.fflch.usp.br/files/669-677.pdf>.
- SAUVAGE, Odette, «Sintra, poème latin de Luisa Sigéa», *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, V (1972), pp. 560-570.
- SOUSA, António Caetano de, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo XII-Parte I, Coimbra, Atlântida, 1953.
- TERZOLI, Maria Antonietta (a cur di), *I margini del libro. Indagine teorica e storica sui testi di dedica. Atti del Convegno Internazionale di Studi (Basilea, 21-23 novembre 2003)*, Roma/Padova, 2004.
- TIPPELSKIRCH, Xenia von, *Sotto controllo. Letture femminili in Italia nella prima età moderna*, Roma, Viella, 2011.
- TOIPA, Helena Costa, «Cataldo Sículo e o mecenato da Rainha D. Leonor», *Mathésis*, 3 (1994), pp. 167-197.
- ZARRI, Gabriella, «Matronage/Maternage. Tipologie di rapporti tra corti femminili e istituzioni religiose», en Giulia CALVI, Riccardo SPINELLI (a cura di), *Le Donne Medici nel sistema europeo delle corti*, vol. I, Firenze, Polistampa, 2008, pp. 67-74.
- ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins, *Nobreza de Portugal e do Brasil*, Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, 1989.